

Alfredo Pimenta e a Igreja

Conheci mal o Alfredo Pimenta de carne e osso. Só duas vezes o vi. Uma de longe, para os lados de Margaride, sentado sobre um muro, palestrando com uma filha, numa dessas intermináveis deambulações dos meus idos de estudante de Clássicas, do recanto idílico de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. Da outra, começara a minha vida de professor, quando entrei no comboio, em Santo Tirso, para acompanhar ao Porto o saudoso Pe. António Pereira Dias de Magalhães, homem aberto e colloquial como raros.

Foi este que pescou Alfredo Pimenta, com um neto criança ao lado. O clima de cordialidade criou-se logo, com a afabilidade de todos os espíritos superiores como o seu. Um livro argentino de crítica ao maritainismo político sreviu de pábulo fecundo à viagem, demasiado breve. Pimenta deu por último cumprimento ao Pe. Magalhães que não demorasse o envio da obra, que ele já sabia de nome.

E já esquecia. Tivemos outro encontro. Muito posterior. Mas epistolar e à distância. Dirigia eu um jornalzinho de província, em Bragança. Junqueiro é de lá. Quantas vezes calcorreei caminhos iguais aos dele, deslizando de Freixo, pelo mar de amendoeiras floridas, até Barca d'Alva, ou trepando ao Penedo Durão, por veredas que ele seguiu a cavalo, para chegar à sua quinta rente ao Douro, deslumbrado ante um dos panoramas mais fascinantes que, palmilhador de mundos, já contemplei na vida. Tive de falar do poeta de *Os Simples* no centenário do seu nascimento e a contrapelo das comemorações que a maravilhosa vila manuelina de Freixo celebrava. E citei a opinião de Alfredo Pimenta sobre o seu ateísmo postigo da fase de *A Velhice*... Apesar de a morte lhe rondar já a porta, logo mandou escrever, confirmando a minha assertiva e estimulando-me, com palavras duma nobreza que guardo carinhosamente.

A isto se limitaram os meus contactos pessoais com o Mestre. Mais ricos e numerosos foram os culturais, pelo que me tocou

em sorte. Muito aprendi com os seus trabalhos históricos, duma objectividade documental modelar, como da mais subtil acribia crítica. Os seus ensaios filosóficos e de cultura geral impressionaram a minha mocidade, pela vastidão de horizontes, admirável actualização bibliográfica e a robustez dum juízo adulto que ninguém por aí floreteava com a sua mestria, por muito que pese aos manes de António Sérgio, muito mais limitado e ideológico. Nem sequer deixei de lado o requinte precioso da sua poética, tão quente de sangue, numa disciplina impecável de forma e pensamento. E como ri, nas suas polémicas furibundas, que ele tantas vezes lamentava, pelo desperdício que o roubava a actividades mais suculentas e perenes! Frases delas ainda hoje as retenho, indeléveis, comigo! Na sua prosa robusta e enxuta.

A milhares de quilómetros dos meus livros de cultura portuguesa (silenciados na terra que guarda o mais lindo nome de Portugal: Torre de D. Chama), nem sonhar quero a quixotice de evidenciar, fundamentado, uma ao menos de tantas faces do gigante intelectual que ele foi. Limito-me a breve recordação sócrática das suas relações com a Igreja.

Veio do agnosticismo circundante da sua mocidade académica. Mas recuperou a Fé. Convictamente. Que belas páginas escreveu sobre a filosofia cristã (eram-lhe familiares as duas *Sumas* de São Tomás) e contra o racionalismo bíblico! Mas sempre independente. Dotara-o a natureza com uma personalidade demasiado opulenta, para aceitar o passo dos carneiros de Panurgo. Mais difícil e meritória seria, nele, o *intellectus quaerens fidem*.

Como se viu nas suas diatribes. Lembro só o folheto sobre a nova versão portuguesa do Pai Nosso. Em que atingiu até o Cardeal Cerejeira. Com a veemência que o distinguia, mas de que não estava ausente a nobreza castiça dum intelectual de raça.

O que salienta as grandes almas, ainda mais que os precalços, é a espantosa humildade intelectual, quando se confrontam com Deus e a eternidade. Nada de medo. Menos ainda covardia, ante o enigma do Além. Tomás de Aquino não via, então, apenas, *palha*, em tudo o que escrevera?

Esta pura grandeza de Alfredo Pimenta, nas horas finais, poucos a saberão. Eu conheço-a por duas testemunhas de qualidade excepcional: o Cardeal Cerejeira e o P. Agostinho Veloso, S. J.

Quando sentiu que essa outra «irmã, a morte corporal», como o *Poverello* canta, o chamava, mandou buscar o jesuíta da *Brotéria*. Não deixa de impressionar, pois uma nobre e curta

polêmica parecera distanciá-los, algum tempo. O que revela que, para ele, o homem contava infinitamente mais que as opiniões, que combatia ideias, continuando a amar os homens. Sacramentado em plena lucidez, timbrou em fazer chegar ao Cardeal Cerejeira a retratação formal de possíveis desvios da Fé que pudesse ter, protestando morrer na confissão límpida da «Santa Madre Igreja».

Um dia, no Paço de Sant'Ana, o Cardeal Cerejeira evocou-me, espontaneamente, essa atitude nobilíssima do Mestre. Em contraste com a fúria do progressismo, que, por então, socavava, com padres e leigos, o alicerce do catolicismo português e, com ele, ameaçava frontalmente as raízes da nossa nacionalidade, estupidamente atirado aos braços dum marxismo molhado em água benta, de cuja dialética teórico-prática nada sabia. E o eminente Prelado, com aquela superioridade humana, cultural e sobrenatural que o distinguiu, até nos mais curtos gestos e palavras, perguntou-me quantos desses «idiotas úteis» (ele não usou a expressão, mas peço-a eu emprestada a Lenine!) teriam humildade cristã que se igualasse à de Alfredo Pimenta...

Repetindo Petrarca, canta Camões que «un bel morire tutta la vita onora». Mesmo que Alfredo Pimenta cometesse desvios de ortodoxia (quem lhe atirá, com segurança, uma só pedra?), só esta decisão final, com a morte exemplar dum «grande cristão», por muito que Pascal recuse a fórmula, dão-nos, melhor que tudo, a extraordinária dimensão da sua alma de crente. Mas haverá mais, muito mais. Se a Virgem da capelinha da Madre de Deus, fronteira da sua casa vimaranense, pudesse falar dos colóquios que os dois tiveram a sós, dentro do silêncio penumbrado das suas paredes brancas!

Petrópolis, (Brasil) 15 de Março de 1981

Francisco Videira Pires